

# O carretel e o cordão

Decio Gurfinkel

Estudando as noções de fetiche, objeto transicional e dissociação, este artigo procura situar Winnicott em relação a Freud e a Melanie Klein: nem continuação direta nem ruptura total, mas diálogo entre analistas.

*A Joel Gurfinkiel, em memória.*

**O**bjetos transicionais e fenômenos transicionais é um trabalho central na obra de Winnicott. Além de ser este o artigo em que se formula o conceito pelo qual ele é hoje mais conhecido, significa um marco fundamental no processo de construção de seu pensamento. Por um lado, é o resultado de uma série de elaborações importantes que o precederam, e neste sentido ele representa uma feliz confluência de diversas idéias que vinham sendo gestadas anteriormente. E, por outro, estabelece a base sólida a partir da qual Winnicott irá construir um pensamento próprio, original e extremamente fecundo, cuja riqueza e desdobramentos estamos ainda a explorar.

A obra de Winnicott compõe-se principalmente de uma enorme quantidade de conferências e artigos, reunidos, em alguns momentos, em importantes coletâneas; trata-se, portanto, de uma obra relativa-

mente dispersa e fragmentada. No entanto, o conjunto de artigos compõem um corpo complexo e perfeitamente articulado, não deixando dúvidas de que se trata de uma obra coerente e de um pensamento concatenado. Curiosamente, Winnicott publica no final de sua vida uma coletânea que guarda uma característica que a diferencia das anteriores, e que justamente por isto não se enquadra perfeitamente na categoria de coletânea: trata-se de *O brincar e a realidade*. Não sendo exatamente um livro ensaístico no qual a seqüência dos capítulos desenvolvem um argumento caminhando de uma introdução a uma conclusão, não deixa de ser um livro temático dedicado ao estudo e ao aprofundamento de um problema central.

Decio Gurfinkel é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

“Este livro constitui um desenvolvimento de meu artigo ‘Objetos transicionais e fenômenos transicionais’”; é assim que Winnicott abre a sua introdução. O primeiro capítulo é justamente uma reedição do artigo de 1951 - acrescentado por duas seções à maneira de apêndice -, e os capítulos que se seguem são desenvolvimentos deste tema básico, em uma ou outra direção, seja no aspecto clínico seja no aspecto teórico. Poderíamos entender este livro, utilizando-nos de uma analogia com a composição musical, como um “tema e variações”. Não se tratando de uma forma-sonata - o que implicaria em uma escrita semelhante à forma ensaística clássica de dissertações científicas -, encontramos aqui a apresentação inicial do tema na sua forma original seguida por sucessivas seções de variações, relativamente independentes e sem uma seqüência logicamente necessária, que reconstroem o tema com diferenças melódicas, rítmicas ou harmônicas que revelam justamente o potencial presente mas não explicitamente expresso no tema original e, obviamente, a capacidade criativa do próprio compositor. As coletâneas anteriores de Winnicott estariam mais próximas de suítes ou conjunto de estudos, nos quais não há compromisso temático tão evidente.

Assim, praticamente vinte anos após a sua concepção, vemos o artigo dos objetos e fenômenos transicionais ser retomado, retrabalhado e desenvolvido. Ao longo deste período, suas idéias vão sendo desenvolvidas e ganham prolongamentos e implicações que provavelmente não poderiam ser totalmente previstas quando da sua criação. Pensemos no conceito de falso *self*, na conceitualização do fantasiar em contraposição ao sonhar e ao viver, na ênfase na negatividade originada nas falhas de simbolização que necessita ser atingida nas experiências de regressão, na imensa

implicação que a área intermediária tem no brincar e em toda a experiência cultural, entre outros aspectos; vários destes elementos podem ser encontrados, embrionariamente, no artigo original, mas é só a partir de seu desenvolvimento pleno que podemos apreciar o seu verdadeiro alcance e importância. Winnicott é um destes autores que teve a sorte de realizar uma gran-

Winnicott pôde  
descobrir, com surpresa,  
o que ele mesmo  
havia dito e pensado  
sem saber  
totalmente que  
horizontes estavam  
sendo abertos.

de descoberta e poder, por um processo de amadurecimento pleno, extrair grande parte do potencial nela embutido e, talvez também, descobrir com surpresa o que ele mesmo havia dito e pensado sem nem mesmo saber totalmente que horizontes estavam sendo abertos. Neste sentido, não é de se estranhar que este artigo ocupe um lugar tão central na obra do autor.

O artigo teve três publicações principais. Lido inicialmente na *British Psycho-Analytical Society* em maio de 1951, foi publicado no *International Journal of Psycho-Analysis* em 1953, no *Collected papers (Da pediatria à psicanálise)* em 1958 e em *Playing and reality* em 1971. Algumas alterações foram

feitas pelo autor ao longo das sucessivas edições, principalmente entre a segunda e a terceira, e é sobre elas que vou me deter para discutir alguns aspectos que ponho em destaque: a polêmica filiação de Winnicott à tradição psicanalítica, especialmente à freudiana; a relação entre fetichismo e objeto transicional; o contraste entre uma clínica do recalçamento e uma clínica da dissociação; e o lugar primordial ocupado pela simbolização como processo vital.

### Supressões, desenvolvimentos: linguagem morta e busca do *self*

Em termos gerais, na versão final Winnicott suprime algumas passagens e as notas de rodapé - incluindo algumas referências bibliográficas nelas contidas no corpo do texto, mas retirando, com uma única exceção, alguns comentários importantes - e acrescenta duas seções baseadas em material clínico de enorme riqueza.

Quanto à edição original, há um pequeno comentário na nota 1 que não aparece nas posteriores e que é útil para a reconstrução da história do artigo. Somos informados de que uma versão abreviada do trabalho havia sido distribuída por Winnicott aos membros da Sociedade antes da sua apresentação, e de que alguns acréscimos foram feitos para a publicação na seção Ilusão-desilusão. Estes acréscimos, Winnicott mesmo nos esclarece, são um comentário a partir de um artigo de Wulff que ele veio a conhecer depois de ter escrito o seu próprio, e que trouxe-lhe “grande prazer e apoio descobrir que o assunto já tinha sido considerado digno de discussão por um colega”<sup>1</sup>, já que o seu tema parecia praticamente inédito. Apesar desta satisfação, Winnicott credita grande valor ao trabalho por suas observações clínicas mas nem tanto por suas conclusões teóricas; ele discorda do

uso, por Wulff, do termo objeto-fetichê para o fenômeno que ele mesmo descreve como objeto transicional, e dedica uma seção - "Reference to Wulff's paper" - composta de três parágrafos para justificar a sua crítica e afirmar a sua posição. Esta seção, assim como a nota comentando as descrições clínicas de Wulff, é suprimida na última versão do artigo (em *O Brincar e a realidade*), restando apenas uma referência ao mesmo na seção "Estudo teórico", ao afirmar a possibilidade do objeto transicional se transformar em objeto de fetichê na vida sexual adulta.

No entanto, a problemática tratada no trecho suprimido reaparece na parte acrescentada ao artigo sob o título "Psicopatologia manifestada na área dos fenômenos transicionais", trabalhada em novas bases e com um desenvolvimento bastante elucidativo. Na versão inicial, há mais um trecho suprimido do "Summary" do artigo, que enuncia de forma breve como poderiam ser compreendidos três fenômenos da psicopatologia a partir da nova conceitualização proposta: a adicção, o fetichismo e a pseudologia fantástica e roubo. Neste sentido, parece razoável supor que o objetivo da supressão era substituir uma afirmação breve e inicial por um desenvolvimento mais completo e, em certo sentido, mais correto e atualizado. Considero esta interpretação essencialmente correta, mas um tanto incompleta; creio que aqui podemos localizar também um problema central do pensamento de Winnicott: a filiação ou não de suas idéias à tradição psicanalítica, especialmente à freudiana, e as vantagens e desvantagens de tal filiação.

É bastante conhecida a insistência de Winnicott em formular as suas idéias em suas próprias palavras, o que pode ser tomado como uma "doença" pessoal<sup>2</sup> - com ou sem sentido pejorativo -, mas que pode

certamente ser relacionada com dois aspectos, um ligado ao teor de seu pensamento e outro a uma fina percepção da política institucional psicanalítica. Aquilo que veio a se tornar o conceito de *self* - cujo sentido é aliás bastante particular -, nos mostra a enorme importância que tinha para Winnicott tudo o que fosse

apenas repete as suas palavras - que se tornaram palavras-código, como uma mensagem cifrada de aderência a uma seita religiosa -, e o faz de forma estereotipada, não deixando qualquer espaço para novas idéias. Winnicott faz um apelo para que Melanie destrua tal sistema fechado, o que afinal iria ocorrer mais cedo ou

## O que Winnicott combate é a tendência aos "ismos" que se manifesta nos agrupamentos sociais e comporta o risco de aniquilar a linguagem.

próprio, pessoal, íntimo e não invadido pela "falsidade" das relações humanas. Há aqui o postulado de um "ser" original do sujeito - que só se encontraria, no limite, quando de seu total isolamento do mundo - e que delimita um território sagrado, que é a fonte da vida e o lugar de onde parte o gesto espontâneo, o impulso para a criatividade. Não há viver criativo que passe ao largo do *self* do sujeito.

A relação de Winnicott com M. Klein é emblemática de como isto se transpõe para a questão da teorização psicanalítica e para os problemas ditos institucionais. Na famosa carta a Klein, Winnicott a eleva à qualidade da maior e mais criativa analista do movimento psicanalítico; não temos porque duvidar da sinceridade de tal afirmação, mas seguindo o argumento da carta observamos que todo o valor da obra de Klein poderia se perder devido a um "kleinianismo" que

mais tarde independentemente de sua iniciativa. Ora, Winnicott reconhece que também Klein teima em falar as coisas com suas próprias palavras, e precisamente aí reside grande parte do seu valor (não deixando de considerar, evidentemente, o teor de suas descobertas); o que Winnicott combate é a tendência aos "ismos" que se manifesta nos mais diversos agrupamentos sociais e que comporta o risco de aniquilar a linguagem, tornando-a linguagem morta: "suas idéias só viverão na medida em que forem redescobertas e reformuladas por pessoas originais, dentro e fora do movimento psicanalítico."<sup>3</sup>

Devemos nos sentir profundamente gratos pela teimosia obstinada de Winnicott, verdadeira cruzada contra o dogma. Por permanecer firmemente "do contra" - e ele soube enfatizar o valor positivo de tal atitude tão freqüente entre os adolescentes -, Winnicott pôde as-

segurar um terreno de liberdade de pensamento sem o qual grande parte do que produziu seria inviável. A manutenção de um espaço protegido ou de um *setting* de trabalho - o "círculo seletivo" necessário, conforme diz a Klein<sup>4</sup> - é condição para o fazer original e criativo. Claustrofóbico em meio às controvérsias da década de 40 - e isto não apenas como vítima, mas também como autor de sua "oposição" - construiu um lugar a partir do qual podia fazer, criar e sonhar: um lugar para viver. Vale ressaltar que "ser do contra" não configura, por si, nenhum espaço de liberdade, mas caracteriza apenas uma reação defensiva - até certo ponto saudável, correndo o risco de uma cronificação caracteriológica - a invasões ambientais violentas: a fonte do viver não se encontra na negação do outro, mas na afirmação do *self*.

Winnicott resume seu método de trabalho: "o que faço é juntar isto e aquilo, aqui e acolá, concentrando-me na experiência clínica, formando minhas próprias teorias e, então, depois de tudo, me interesso em descobrir de onde roubei o quê."<sup>5</sup> A questão a ser formulada é: é necessário ou não, e ainda, desejável ou não, fazeremos um estudo comparativo das idéias de Winnicott com a de outros autores? Ao comentar, quando da sua elaboração, o artigo dos objetos e fenômenos transicionais em carta a Strachey - seu primeiro analista e tradutor da obra de Freud para o inglês - diz: "gostaria muito de destacar a teoria psicanalítica comum, na seção teórica do ensaio, o suficiente para tornar aceitável aquilo que julgo ser a minha contribuição pessoal (...); ainda é correto dizer que se eu tivesse de tirar um ano de folga e

não fazer mais nada além de ler, eu estaria em melhores condições de escrever."<sup>6</sup> E, em carta a Bálint de 1960: "acho que sempre serei da opinião de que é relativamente desimportante o modo como Freud contestava a si próprio e gradualmente estimulava o pensamento, fazendo novas sugestões. Em uma ou duas décadas, as pessoas que se importam com isso estarão todas mortas."<sup>7</sup>

### A afirmação do *self* winnicottiano se deu muito mais em confronto com Klein do que com Freud. E quanto à rejeição do conceito de pulsão de morte?

Ora, o método roubo-colagem é o que há de original em Winnicott, propiciando o campo de liberdade para criar acima referido. Mas a preocupação com o roubo efetuado nunca deixou de estar presente nos seus escritos, seja pela necessidade do reconhecimento - mútuo - seja pela necessidade da rejeição - também recíproca. Reconhecimento da necessidade e rejeição da filiação que se expressam nos trechos de cartas acima destacados; não devemos esquecer que no primeiro caso Winnicott está diante de seu analista-Freud e no momento mais sensível da afirmação de sua cria-

ção (1951), e no segundo caso ao lado de um irmão de *Middle Group* buscando estabelecer semelhanças e diferenças, podendo então (1960) afirmar com maior ferocidade as suas posições sem tanto temor de destruição. Assim, a supressão da referência a Wulff e ao fetichismo no artigo em causa pode ser um segundo momento de afirmação no qual o ato agressivo - no sentido positivo - pode ter lugar com maior liberdade. Não devemos nos esquecer também que, por vicissitudes históricas, a afirmação do *self* winnicottiano se deu muito mais em confronto com Klein do que com Freud; neste sentido, cabe perguntarmo-nos, por exemplo, se a rejeição do conceito de pulsão de morte está mais relacionada às idéias de Freud ou à sua reutilização por Klein.

Colocando a questão em outros termos: a referência ao outro sempre carrega algo de falso *self*, por se dar na base de submissão? Winnicott deixou claro que o falso *self* é algo inerente ao viver em sociedade, estando a sua patologia mais vinculada a dissociações provocadas por distorções no processo de desenvolvimento precoce. Como na maioria dos casos, aqui o seu pensamento não mantém linearidade alguma, já que grande parte da sua obra está voltada para destacar a importância, a inevitabilidade e a constância da dependência como uma realidade humana. A construção do *self* se dá a partir de um estado de identificação primária com a mãe, e é só a partir desta experiência de fusão original com a vivência de ilusão que lhe é correlata que algo como um verdadeiro si mesmo pode emergir, brotar, frutificar e florescer plenamente. A capacidade de

estar só é uma continuação de ter sido possível estar com de uma maneira suficientemente boa, de modo que sempre se está verdadeiramente só... com! Este paradoxo pode ser tomado, portanto, para compreendermos a relação de con-

**W**innicott usou e jogou fora os objetos psicanalíticos, criando um pensamento coerente. Como podemos, hoje, usar o objeto Winnicott?

tinuidade e ruptura de Winnicott com outros analistas, também paradoxal. A questão da "propriedade intelectual" precisaria ser revista, com Winnicott, à luz do uso do objeto, do roubo-colagem: Winnicott usou e abusou dos objetos psicanalíticos que estavam ao seu alcance, mas não deixou se sentir responsável e comprometido com eles; manteve um relação paradoxal de usar e jogar fora, como no jogo da espátula, sem por isto, devemos ressaltar, construir um Frankenstein remendado e monstruoso: criou uma obra e um pensamento coerente, unitário e coeso, à imagem e semelhança de seu *self*.

E como nós, hoje, podemos usar o objeto Winnicott? Há uma tendência de considerar a sua obra um território sagrado, intocável, já que as bases de seu pensamento

seriam tão únicas que qualquer tentativa de estudo comparativo seria necessariamente uma violência para com ele. Vejo nesta posição o risco de um "ismo" em torno de Winnicott - justamente aquilo que ele tanto combateu - e, ainda, a sutil construção de um tabu que determina quem e como se pode usar as suas idéias. Isto vai na direção oposta da proposta de liberdade criativa a que sua obra convida. É evidente que o uso do objeto Winnicott traz o risco de distorções e abusos; lembremo-nos que é parte fundamental do uso que o objeto possa ser transformado, maltratado, pisoteado e eventualmente até destruído: é a sua sobrevivência que irá trazer a sua "realidade" e valor autênticos. Este uso, no entanto, nada tem a ver com falta de rigor e seriedade; creio que aqui devemos mesmo nos arriscar, pois a alternativa pode ser tornar Winnicott linguagem morta.

### Fetichismo e objeto transicional

O artigo dos objetos e fenômenos transicionais pode ser entendido, pois, como um momento crucial de afirmação do *self* winnicottiano, carregando todo o paradoxo e riqueza desta operação privilegiada. É nesta perspectiva que podemos entender a problemática do fetichismo.

Winnicott critica o uso do termo objeto-fetichismo, por Wulff, para aquilo que ele mesmo denominou objeto transicional. Dois argumentos são utilizados. Em primeiro, Winnicott diz que o fenômeno que ele descreve tem um caráter saudável e universal, e não patológico e particular; o uso da palavra fetichismo ou traz retroativamente à infância algo da teoria das perversões sexuais em adultos, ou estende indevidamente o termo fetichismo para fenômenos normais, diluindo a sua significação e valor. O segundo ar-

gumento refere-se à distinção entre delírio e ilusão. O fato de um objeto ser o substituto do falo materno não constitui um fetichismo, já que o objeto transicional pode eventualmente vir a sê-lo; no fetichismo há o delírio de um falo materno, enquanto que a ilusão de um falo materno é universal e não patológica. Winnicott propõe um deslocamento da palavra objeto para a palavra ilusão.

Há, pois, um conceito de saúde e doença sendo gerados, e a ilusão, com seu valor positivo, está agora do lado da saúde. Esta saúde se manifesta nos fenômenos da área intermediária, seja na sua instauração quando do início do desenvolvimento, seja no brincar, sonhar ou no mundo da cultura. "Se um adulto reivindica de nós a aceitação objetiva de seus fenômenos subjetivos nós discernimos ou diagnosticamos loucura. Se, por outro lado, o adulto pode usufruir da área pessoal intermediária sem fazer reivindicações, então nós podemos reconhecer nossas próprias e correspondentes áreas intermediárias, e ficamos contentes de encontrar uma sobreposição, uma experiência comum entre membros de um grupo através da arte, da religião ou da filosofia."<sup>8</sup>

Para Winnicott, um verdadeiro objeto transicional é mais importante do que a mãe, ao contrário de um pseudo-objeto confortador; se a ligação com a mãe enquanto pessoa é muito forte e precoce, isto pode impedir que outros objetos ganhem importância, e com o desmame o bebê não tem "para o que se voltar."<sup>9</sup> Ora, os traços que distinguem o fetichismo da conduta sexual corrente, distinção aliás nada simples, apresentados por Freud nos *Três ensaios...*, são a fixação, a independência em relação ao objeto de origem (aquele a que vem substituir), e a exclusividade do objeto como condição para a satisfação. Do ponto de vista descritivo, o chamado objeto transicional tem

um caráter fetichista - como bem observou Wulff -, mas, para Winnicott, distingue-se por um aspecto fundamental: a experiência da ilusão. A ilusão de que um objeto pode ser obra criativa de quem o usa, e ao mesmo tempo algo oferecido por alguém suficientemente bom, não equivale em absoluto à necessidade defensiva de negação de algum aspecto da realidade. É na psicopatologia dos objetos transicionais que observamos como, na origem da perversão, a função do objeto modifica-se de meio de comunicação para instrumento de negação da separação.<sup>10</sup> Assim, aquilo que para Freud é patológico no fetichismo é justamente a propriedade que permite o desabrochar da vida emocional humana: é apenas “fetichizando” a própria mãe que podemos descobrir e criar o mundo.

Uma leitura comparativa dos trabalhos de Wulff e Winnicott é bastante elucidativa. De fato, o “dado” de observação clínica sobre o qual ambos se baseiam é o mesmo, fenômeno tão fácil de se verificar no desenvolvimento inicial do bebê humano e que, surpreendentemente, esteve virtualmente ignorado na bibliografia psicanalítica até então. Wulff nos informa, no entanto, que houveram dois antecedentes importantes do tema com Joseph K. Friedjung (Viena, 1927) e Editha Sterba (1935), sendo o primeiro mais interessante por dois motivos: por focar a discussão na questão do fetichismo na infância - no segundo caso a atenção da autora se volta para outro tema, sendo o objeto transicional um aspecto lateral do trabalho - e pelo debate direto com as proposições de Freud; retornarei mais adiante a este ponto. Em linhas gerais, Wulff realiza uma tentativa de compreender aquilo que chamamos objeto transicional dentro de um quadro teórico basicamente freudiano; ele o faz de maneira consistente e cria-

tiva - a própria colocação do problema já traz em si uma grande originalidade -, e acaba por questionar algumas das proposições freudianas a partir do material clínico (mais especificamente, a vinculação necessária entre fetichismo e recusa da castração). O resultado é estimulante: não é de se espantar a satisfação de Winnicott ao descobrir este trabalho.

Wulff acaba por tocar em algumas contradições básicas relativas ao tema, mas não avança tanto no sentido de perceber a necessidade de reformulações mais estruturais no quadro teórico de referência. Nem por isto o trabalho perde o seu valor (ou ainda: precisamente por isto ele se torna interessante): Wulff, no desenvolvimento teórico, propõe idéias que merecem atenção, como

Winnicott, em contraste, realiza um movimento contrário ao propor um novo modelo teórico para compreender o mesmo fenômeno, cujos desdobramentos hoje podemos vislumbrar. Ele parte, sim, da atividade auto-erótica ligada à zona erógena oral, mas logo anuncia que “evidentemente algo mais é importante aqui além da excitação e satisfação oral, apesar de que elas podem ser a base de todo o resto”<sup>12</sup>, para em seguida afirmar a inadequação do enunciado usual sobre a natureza humana. O “algo mais importante” é o processo de construção da realidade e do sujeito humano. Ele aponta a insuficiência de considerar a natureza humana tanto em termos de relacionamentos interpessoais, elaboração imaginativa das funções

É apenas “fetichizando”  
a própria mãe que podemos descobrir  
e criar o mundo.

a de um desenvolvimento do objeto fetiche ao longo das organizações da libido - do seio ao pênis -, ou o achado de que “a primeira genuína ligação libidinal a um objeto estranho se dá na trilha aberta por uma identificação deste objeto com o pênis do próprio indivíduo”.<sup>11</sup> Destaca, ainda, a importância dos sentidos do tato e do olfato para a constituição do fetiche, sugerindo uma origem bastante arcaica - onto e filogenética - para a aderência da libido que caracteriza o fetichismo.

e totalidade da fantasia - sua versão da psicanálise freudiana -, como colocando a ênfase em um mundo interno com qualidades específicas - perspectiva kleiniana -, e propõe a existência da área intermediária de experimentação entre realidade interna e externa, área de repouso e de ilusão onde o juízo de realidade não se estabeleceu mas na qual não predomina simplesmente o princípio do prazer da formulação freudiana. É a partir deste novo referencial - terceira área, terceiro

passo da história conceitual da psicanálise conforme ele nos dá a entender - que o material clínico será trabalhado.

Assim, comparando os dois autores, temos a oportunidade de observar com nitidez algo frequente no desenvolvimento de uma área do conhecimento: um esforço de ler as novas "realidades empíricas" segundo o referencial estabelecido, e o esforço de criar novos modelos teóricos a partir de alguns impasses intransponíveis. Os objetos e fenômenos transicionais talvez sejam, como "fatos" ou "dados", de uma natureza tal que exijam um reordenamento significativo e até certo ponto radical do quadro referencial da psicanálise, ainda que em si mesmos pareçam simples ou até banais. Winnicott estava mais certo do que Wulff? Considero esta pergunta mal colocada, mas é inegável que aquilo a que nos levou a posição de Winnicott é de muito maior alcance e relevância do ponto de vista do avanço do conhecimento, apesar de não julgar que Wulff estivesse propriamente "errado". Wulff é, neste sentido, um "adversário digno" de Winnicott.

O problema tratado por Wulff é regional e específico: o fetichismo na infância. Colocar a questão nestes termos, no entanto, já traz em si uma problematização do quadro freudiano, uma vez que a rigor o fetichismo só se constituiria a partir da organização genital infantil ou por uma regressão à problemática da castração que a caracteriza. Friedjung comunicou a Freud, em 1927, as suas observações, e recebeu como resposta: "já foi demonstrado em numerosos adultos que, sem sombra de dúvida, o fetiche é um substituto do pênis, um substituto do pênis ausente da mãe, e assim é um meio de defesa contra a ansiedade de castração - e nada mais. Deve-se agora verificar isto no caso desta criança. Se a prova for

encontrada, o menino deve ter tido ampla oportunidade para convencer-se da falta de pênis ao observar a mãe despida."<sup>13</sup> Logo em seguida, Freud publicou o artigo "Fetichismo". Friedjung encontrou a confirmação que Freud o induziu a procurar, mas Wulff contesta-a, apontando o contrasenso da situação. Tratava-se de um "menino" de dezesseis meses de idade, ainda não envolvido com a problemática da castração, e, conforme o próprio Freud sempre frisou, a visão do genital feminino só causa impacto à luz da ansiedade de castração; anteriormente a isto, há um total desinteresse da criança sobre o fato. Para lidar com esta contradição, Wulff permanece no marco freudiano, trabalhando o fetichismo em termos das organizações pré-genitais da libido. É evidente que este remendo é profundamente problemático, já que a organização genital infantil é muito mais do que mais uma organização da libido, mas sim o palco onde se desenrola o complexo de Édipo, estruturador para Freud da neurose e do psiquismo humano.

Já em Winnicott, o problema tratado é muito mais amplo e estrutural: a construção do sujeito e de sua relação com a realidade, e mais radicalmente, a criação simultânea do sujeito e da realidade em um mesmo processo. Os objetos e fenômenos transicionais são o meio e o modelo para desenvolver a sua contribuição neste aspecto. É a partir do novo modelo criado que Winnicott pode, então, voltar-se para o assunto específico do fetichismo, e isto faz toda a diferença. O uso fetichizado de objetos é justamente sinal de distúrbios na área dos fenômenos transicionais, e nisto se inclui o fetichismo mas também as adições, o roubo e as perversões de modo geral. Com o estudo do caso do menino do cordão, compreendemos que toda a psicopatologia nesta área está relacionada a certas experiências trau-

máticas de separação e perda da mãe com características específicas, ou o que poderíamos simplesmente resumir pela expressão "rupturas na continuidade do ser".

O problema, em Winnicott, é mais amplo: a criação do sujeito e da realidade num mesmo processo.

### **Clínica do recalçamento, clínica da dissociação**

Um retorno a Freud a partir das proposições winnicottianas nos permite descobertas - ou invenções - curiosas.

O modelo freudiano do fetichismo propõe outros elementos significativos além da problemática da castração, mesmo que em conexão com ela. É a partir do estudo do fetichismo que Freud irá desenvolver a noção de dissociação, e só muito tardiamente irá sugerir uma ampliação da mesma para a psicose e para toda a vida psíquica. Será bastante tardia também a descrição da dissociação como incidindo sobre o Eu.<sup>14</sup>

Em "Dissociação do Eu nos processos de defesa", texto inacabado de 1938, Freud descreve um mecanismo em que, em certas situações, a vida mental se bifurca em dois movimentos totalmente contraditórios e paralelos, os dois "válidos e

eficazes”, que conduzem a uma fenda no Eu “que nunca se cura, mas que se aprofunda com o passar do tempo”. Este processo é descrito em torno da problemática da castração. Os dois movimentos contraditórios são, por um lado, o rechaço da realidade e da interdição dela originada, e por outro, o reconhecimento do perigo da realidade (ameaça), a consideração do medo daí derivado e a tentativa de livrar-se de tal temor.

Ao descrever este processo específico do fetichismo, Freud diz que ele é auxiliado pelo mecanismo de regressão. O uso da palavra regressão, aqui, como na Conferência XXIX - regressão a um evento traumático -, ganha uma nova significação, afastando-se daqueles dos modelos de regressão classicamente discriminados em Freud.<sup>15</sup> Se recordarmos a proposição de que na perversão se dá uma regressão sem recalçamento, e a preocupação de Freud em discriminar regressão de recalçamento em 1917, podemos supor que aqui se configura uma espécie de “clínica da dissociação” que contrasta com e sucede uma “clínica do recalçamento”.

Quanto a esta nova “clínica”, podemos localizar a sua inauguração mítica na obra de Ferenczi. O seu texto-testamento de 1933 - posterior ao texto do fetichismo, mas anterior à retomada freudiana da dissociação nos últimos anos - foi, como se sabe, veementemente rechaçado por Freud.<sup>16</sup> A principal diferença talvez seja a ênfase de Ferenczi na situação traumática em detrimento da problemática da castração. A divisão do Eu se instala em termos de um movimento de regressão defensiva - retorno à linguagem da ternura por um mecanismo de alucinação negativa que anula a violência traumática - e um outro,

paralelo e concomitante, de progressão pré-matura, figurado brilhantemente no bebê-sábio ou na fruta bichada que amadurece apodrecendo; esta descrição dos processos de divisão encontra um modelo fecundo na “autotomia”. A dissociação implica em um reconhecimento e em um irreconhecimento simultâneos, seja da realidade da castração para Freud, seja da realidade da violência traumática para Ferenczi. O traumático, no entanto, não está total-

## O conceito de dissociação é central para a compreensão da psicopatologia dos fenômenos transicionais.

mente ausente em Freud e nem é totalmente estranho à problemática da castração: ele nunca deixou de insistir em um componente da organização genital infantil que é a ameaça de castração que vem de fora; poderíamos acrescentar aqui que, talvez, a natureza traumática e violenta desta ameaça possa ser determinante para uma estrutura perversa ulterior. Freud, no seu artigo inacabado, nos fala que um certo paciente “dissociado” teria passado, na juventude, por “certas situações peculiares de pressão”; “podemos fixar em termos gerais e bastante vagos as situações em que isto acontece dizendo que ocorre sob a influência de um trauma psíquico.”<sup>17</sup> Encontramo-nos, pois, com Freud discretamente além do princípio do prazer.

Ora, a proposição de uma “clínica da dissociação” construída a partir, mas ao mesmo tempo tornando-se razoavelmente independente, de uma “clínica do recalçamento” é uma tentativa de organizar e dar inteligibilidade à complexidade e ao caráter dinâmico do campo psicanalítico. O estudo do mecanismo de dissociação - articulada ao problema da regressão - é uma das ferramentas importantes na ampliação da clínica psicanalítica que hoje observamos. No texto do fetichismo, Freud recorre ao conceito de recalçamento - “a peça mais antiga da nossa terminologia psicanalítica” -, rejeitando a criação de um novo conceito (por exemplo, “escotomização”), já que “um novo termo só se justifica quando se descreve ou se ressalta um fato novo.”<sup>18</sup> Mas, ao mesmo tempo, ele efetivamente apresenta uma idéia nova: a de que duas correntes subsistem paralelamente no psiquismo.

E abre o texto de 1938 de maneira enigmática: “encontre-me, por um momento, na interessante posição de não saber se o que direi deveria ser considerado algo familiar e evidente há muito tempo ou algo novo e surpreendente. Me sinto inclinado a pensar da segunda maneira.”<sup>19</sup>

Em Winnicott, o conceito de dissociação é central para a compreensão da psicopatologia da área dos fenômenos transicionais. Ao propor uma diferença essencial entre o fantasiar e as alternativas do sonhar, por um lado, e o viver real e o relacionar-se com objetos reais - próprios do sonhar - por outro, Winnicott afirma que “uma característica diferenciadora entre estes dois conjuntos de fenômenos está em que, embora boa parte de sonhos e



de sentimentos pertencentes à vida tenha probabilidade de se achar sob repressão, isso constitui algo diferente da inacessibilidade do fantasiar. Essa inacessibilidade está relacionada à dissociação e não à repressão.<sup>20</sup> O fantasiar é justamente uma atividade mental

psique-soma, funcionando como uma coisa em si, um verdadeiro "corpo estranho" ao *self* do sujeito; Winnicott relaciona este fenômeno com o pensamento do neurótico obsessivo apresentado por Freud em *O homem dos ratos*<sup>21</sup>. Aqui há a criação de uma teoria

## Constrói-se uma teoria sobre a criatividade que prescindir de um modelo psicopatológico, pois baseia-se no estado de não-integração.

dissociada, de caráter circular e ruminativo, formação defensiva cuja principal característica é a ausência dos processos de simbolização que caracterizam a experiência da transicionalidade; nele, um pseudosonhar, "um cachorro é um cachorro": não há valor poético.

Assim, o uso do conceito de dissociação para compreender um tipo de atividade mental que se dá no vazio permite uma discriminação muito mais apurada dos "aspectos do fantasiar", avançando consideravelmente a pesquisa psicanalítica e alertando-nos dos riscos de confundir fenômenos mentais tão diferentes: o sonhar e o fantasiar; é importante frisar que, para Winnicott, o fantasiar concerne a um processo essencialmente diverso daquele abarcado pelo conceito de fantasia. A metapsicologia clássica não nos fornece os instrumentos para tal discriminação. A mesma problemática é tratada em termos dos riscos do surgimento de uma atividade mental que se opõe ao

totalmente original sobre a gênese da mente, essencialmente ligada aos fracassos da mãe-ambiente em se adaptar às necessidades do bebê; a psique, em contraste, surge da elaboração imaginativa das partes, sentimentos e funções somáticas.

A dissociação é mencionada já no artigo sobre o desenvolvimento emocional primitivo. Enquanto processo patológico, ela está relacionada a distúrbios nos processos de integração, personalização e realização. A personalização concerne à localização do *self* no corpo, não apenas por este ser o seu "lugar" na saúde, mas também enquanto complexa operação de construção deste lugar para viver; trata-se da problemática abordada, poucos anos depois, em termos da relação entre a mente e o psique-soma. A realização refere-se à mesma questão tratada no artigo dos objetos transicionais; o fantasiar dissociado - como é o caso dos "companheiros imaginários" da infância - expressa uma perturbação neste processo.

Mas o mais notável neste artigo fundamental é que a dissociação é apresentada na sua forma natural ou inicial. Ela ocorre, por exemplo, entre a experiência do bebê que se sente confortado e o bebê que grita por satisfação imediata, ou ainda - o que é muito mais interessante - entre o bebê que dorme e o bebê que está acordado; neste caso, lembrar de sonhos e relatá-los a um outro tem como função permitir uma quebra nesta dissociação. O bebê necessita sempre de uma pessoa para "juntar seus pedaços", e neste sentido o outro tem em suas mãos a grande responsabilidade de proporcionar ao bebê que se desenvolve a experiência de integração. Ora, a proposição da dissociação como "natural" e universal se assemelha muito à insistência de Winnicott em afirmar os fenômenos transicionais como universais e saudáveis; assim, vemos a sutileza de um pensamento que discrimina um estado inicial de não-integração da desintegração como fenômeno patológico de natureza psicótica que implica em uma regressão a este estágio primário. É esta sutileza que permite a construção de uma verdadeira teoria sobre a criatividade humana que prescindir de absoluto de um modelo psicopatológico - já que se baseia nesta fonte da criação que é o estado de não-integração, área da amorfia em que "a mente está fora de foco"<sup>22</sup> -, ao mesmo tempo em que nos alerta que "ficamos realmente empobrecidos se somos apenas são".<sup>23</sup>

Como já deve estar claro, toda a problemática da dissociação vai desembocar na teorização do verdadeiro e falso *self*. A única passagem acrescentada na última versão do artigo dos objetos e fenômenos transicionais, além das duas seções à maneira de apêndice, diz: "o que surge dessas considerações é a idéia adicional de que o paradoxo aceito pode ter um valor positivo. A solução do paradoxo conduz a uma

organização de defesa que, no adulto, pode encontrar-se como verdadeira e falsa organização do eu (*self*).<sup>21</sup> O paradoxo, mais do que um método de pensar, é uma maneira de ser no mundo - ou a maneira do ser no mundo -, e a sua violentação conduz à ruptura da continuidade do ser e, no limite, ao aniquilamento do sentido do viver. Não-integração, área da amorfia e paradoxo são idéias a serem pensadas em conjunto. A dissociação que, em última instância, incide sobre o *self* (Eu?), conduz, segundo Winnicott, a uma perturbação fundamental do sujeito na sua relação com o mundo e consigo mesmo.<sup>25</sup>

É assim que chegamos à idéia de uma “clínica da dissociação” que, seguindo Winnicott, se distingue nitidamente de uma “clínica do recalçamento”.<sup>26</sup> Creio que esta “clínica” pode ser identificada na obra de muito outros analistas; como já sugeri, o trabalho de Ferenczi representa um marco inaugural neste campo. A aproximação destas diferentes contribuições, e até a idéia de que elas podem em conjunto significar a emergência de novo modelo teórico-clínico, é um trabalho de pesquisa a ser levado adiante.

A questão do fetichismo pode ser uma porta de entrada para investigarmos uma possível gênese desta “clínica” na obra de Freud, na qual não encontramos, no entanto, um desenvolvimento pleno da mesma. Evidentemente, não é cabível uma relação direta entre a dissociação em Freud e Winnicott; como já sugeri, Winnicott desenvolve o seu pensamento a partir de um novo quadro de referência que altera substancialmente algumas proposições do modelo freudiano. Mas algumas observações podem ser feitas.

A idéia de uma fenda no Eu que é estrutural, ou seja, que “nunca se cura e que se aprofunda com o passar do tempo”, é comum a ambos autores. Neste ponto Winnicott está

mais próximo de Freud do que de M. Klein, que utiliza a idéia de *splitting* como um mecanismo conjuntural que se alterna dinamicamente com a integração depressiva através das posições por ela propostas. A centralidade do complexo de Édipo, por outro lado, distancia as duas concepções, questão que já se anuncia desde a problematização por Wulff do fetichismo na infância. A ênfase no traumático poderia ser um outro ponto de contato, mas para efetuar esta aproximação teríamos que nos aventurar em outra região do pensamento freudiano: a teoria da pulsão de morte.

De qualquer forma, o estudo do fetichismo abre uma fenda no pensamento freudiano, e a questão do objeto-fetice - presente nas adições, na tendência anti-social ou em outras formações clínicas - poderia ser tomada como uma nova matriz clínica da teorização psicanalítica. O fetichismo, seja no seu aspecto fenomenológico, seja no seu aspecto metapsicológico, nos leva a pensar em certo tipo de uso de objetos que levanta problemas especiais. Uma maneira de buscar circunscrever e compreender esta matriz clínica é tratá-la em termos de uma clínica da dissociação<sup>27</sup>.

### O problema da realidade

Um ponto que me parece muito significativo é que, ao estudar o fetichismo, Freud encontrou-se diante de um velho problema nunca totalmente equacionado: a relação do sujeito com a realidade. Após recomendar o estudo do fetichismo a “todos aqueles que ainda duvidam da existência do complexo de castração”, Freud nos diz que este estudo teve para ele um outro motivo: um interesse teórico muito particular.

Ao propor sua teoria estrutural do aparelho psíquico em 1923, Freud retoma o problema de *For-*

*mulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* para “aplicar” o novo modelo à compreensão da neurose e da psicose. Ele chega à fórmula esquemática de que a neurose de transferência é o resultado de um conflito entre o Eu e o Id, a neurose narcísica corresponde ao conflito entre Eu e Supereu, e a psicose ao conflito entre o Eu e o mundo exterior. É um momento onde tudo parece nítido e cristalizado, mas um ano depois as coisas são apresentadas

A questão do  
objeto-fetice poderia  
ser tomada como  
uma nova matriz  
clínica na  
teorização psicanalítica.

de maneira muito mais nuançada.<sup>28</sup> Se no primeiro texto os domínios da psicose e neurose aparecem divididos como os dois lados do Mar Morto por Moisés, no segundo observamos uma verdadeira trama tecida entre os dois universos: Freud vai de um lado para o outro, com leveza e precisão, discriminando semelhanças e diferenças e sobretudo ultrapassando uma oposição linear.

No texto do fetichismo, Freud vê-se munido de novas armas para atacar o problema e “sair da contradição”. Ao descobrir a possibilidade de uma duplicidade de atitudes diante da realidade - repú-

dio e aceitação da castração feminina -, uma terceira opção surge no horizonte. Na psicose, estaria ausente a corrente da vida psíquica ligada à realidade, e na neurose haveria a aceitação integral da castração com o recalçamento dos desejos incestuosos. O tom deste texto parece concordar com a face positivista de Freud tão em evidência neste momento em que escreve O "futuro de uma ilusão", texto aliás tão francamente anti-winnicottiano!

O modelo de uma "terceira via"  
tende a dissolver um pensamento dicotômico,  
baseado nos opostos  
Eu-outro, prazer-realidade e saúde-loucura.

Mas o problema retorna em 1938, na terceira parte do também inacabado "Esboço da psicanálise". Aqui nos encontramos com um Freud no final da vida, e bastante mais flexível nas suas afirmações. "O problema da psicose seria simples e inteligível se o desprendimento do Eu em relação à realidade pudesse se dar integralmente. Mas isto ocorre, ao que parece, apenas em casos raros, ou talvez nunca"<sup>29</sup>. Em seguida, Freud propõe que em todos os casos de psicose se dá justamente uma dissociação psíquica, e que isto não mereceria tamanha importância se não se confirmasse o mesmo mecanismo "também em outros estados próximos à neurose, e finalmente também nestas últimas". O fetichismo foi, segundo

nos diz, o campo no qual pôde primeiro observar o fenômeno e com maior nitidez, mas agora ele pode ser reconhecido como extremamente comum durante a infância e extensível a praticamente todo o campo da psicopatologia. Finalmente, Freud compara a dissociação e o recalçamento, afirmando que a diferença principal entre os dois mecanismos é de natureza topográfica ou estrutural (divisão no interior do Eu ou entre Eu e Id), sendo praticamente

um fato universal que os processos de defesa, por se darem sempre através de uma divisão, acabam por conduzir a complicações psíquicas oriundas das "reivindicações" da corrente psíquica excluída.<sup>30</sup>

Quantas voltas, e que dificuldade comporta tematizar a relação do sujeito com a realidade! A postura adotada por Freud no "Esboço" significa, a meu ver, uma real abertura em relação à construção de uma "clínica da dissociação". A amplitude e importância do mecanismo de dissociação parece estar cada vez mais clara aos olhos de Freud, ainda que tardiamente; por outro lado, ao desvincular este mecanismo do fetichismo - ainda que nele se reconheça um protótipo importan-

te - podemos supor que a dissociação é um processo de defesa que pode ser pensado com relativa independência em relação à questão da castração. Talvez esteja aqui forçando algo para dentro de Freud, mas o meu objetivo é apenas indicar a possibilidade de localizar uma gênese da chamada "clínica da dissociação" na sua obra. O que se torna evidente é que esta transformação teórico-clínica passa necessariamente pelo estudo e trabalho analítico com formas psicopatológicas não redutíveis à categoria das psiconeuroses.

O fetichismo, por sua própria natureza clínica, comporta um parentesco com a idéia de uma "terceira via". Ele exige que se repense a oposição estrita entre neurose e psicose; Joyce McDougall, por exemplo, relativiza esta oposição lançando mão justamente do pensamento de Winnicott sobre a terceira área, e propõe o "teatro transicional" como palco para compreender um entrelaçamento muito mais complexo e sutil entre os dois registros, ou entre o "teatro do interdito" e o "teatro do impossível".<sup>31</sup> Se a idéia de "terceira via" for levada a sério, ampliada e tomada como modelo, tende a dissolver um pensamento dicotômico baseado nos opostos Eu-outro, prazer-realidade e saúde-loucura.

Ao observarmos Freud assim se debatendo com o problema da relação com a realidade, surge de imediato a indagação de se não estariam faltando, a ele, ferramentas teóricas que lhe possibilitassem avançar no problema. E, de fato, Winnicott pôde construir algumas destas ferramentas, ao propor a terceira área intermediária da experiência, e ao postular a noção positiva de ilusão como matéria básica do processo infundável de construção/criação do *self* e da realidade. Seria a frase inicial do texto da dissociação do Eu não apenas enigmática, mas também profética?

## O neto de Freud

Freud observou um curioso jogo realizado por seu neto de um ano e meio, jogo no qual um carretel é posto fora (longe, fora do campo visual), sendo mantido preso por um cordão; em seguida, ele é trazido de volta para perto, e ambos os movimentos são acompanhados pelos esboços de palavra *fort* (fora) e *da* (aqui). Este primeiro jogo de sua vida, de desaparecimento e reaparição, refletia a sua experiência emocional em relação à presença e à ausência da mãe. Winnicott descreve um caso de um menino de sete anos que tinha uma preocupação obstinada com cordões; ele vivia amarrando os objetos: a mesa com a cadeira, a almofada com a lareira, e até o pescoço da irmã menor. Winnicott compreende este comportamento em relação a uma série de experiências traumáticas de separação com a mãe, e não apenas no sentido físico, já que ela estava freqüentemente muito deprimida.

Winnicott utiliza o caso do "menino do cordão" para mostrar como o cordão pode ser entendido, em termos gerais, como uma técnica de comunicação, mas um uso exacerbado do mesmo pode significar a perturbação em uma área essencial da vida psíquica: "o cordão possui um significado simbólico para todos; o exagero de seu uso pode facilmente pertencer aos primórdios de um sentimento de insegurança ou à idéia de uma falta de comunicação".<sup>32</sup> Este é o exemplo paradigmático proposto por Winnicott para a psicopatologia dos fenômenos transicionais; o uso fetichizado do objeto - e aqui estaria a gênese da perversão - se dá quando a função do cordão se modifica de meio de comunicação para negação da separação. O menino se tornou, na adolescência, um viciado em drogas.

Freud descreve um jogo universal, se desenrolando em um am-

biente familiar saudável: "a mãe não apenas o havia criado, como também continuava ocupando-se dele constantemente e quase sem auxílio exterior algum".<sup>33</sup> A partir dele - e conjuntamente com outras observações -, propõe a existência de uma compulsão à repetição na vida humana, o que o conduz a reavaliar a primazia do princípio do prazer em sua metapsicologia e a formular o conceito de pulsão de morte. Winnicott navegou por outras águas, mas talvez também estimu-

te, a pulsão de morte é um dos objetos preferidos de contestação de Winnicott; não é possível avançar mais aqui neste problema.

As crianças são verdadeiros portadores de objetos. Ao final de toda festa infantil, se distribuem lembranças (um menino de três anos referia-se a elas como "presentes de saudades"); quando vão e voltam para a escola, para a casa da avó ou dos amigos, incessantemente demandam levar e trazer seus pequenos objetos. O que carregam estes objetos, ou o que

Partindo de Winnicott, como de Freud,  
a religião se dirige ao problema  
da simbolização e, por decorrência,  
de suas falhas e limites.

lado pela intuição da insuficiência de uma metapsicologia baseada exclusivamente no princípio do prazer e seu derivado, o princípio da realidade. Mas o que podemos depreender de comum nos dois casos é como a reflexão se dirige para pensar o problema da simbolização no sujeito humano, e, por decorrência, estudar suas falhas e limites. Esta é uma afirmação apressada, mas quero apenas registrar que considero que um dos grandes saldos deste texto instigante de Freud é levantar o problema da simbolização. E esta é a questão central dos fenômenos transicionais. Curiosamen-

se carrega neles? Os adultos, quando voltam de suas viagens, também trazem lembranças. Quando alguém morre, não repartimos apenas os seus bens, mas distribuímos também aos mais próximos objetos significativos da pessoa que ele foi. Presentes e lembranças, como sua própria natureza lingüística denota, remetem à questão essencial da presença/ausência de objetos significativos e, por decorrência, ao processo de ilusão-desilusão que caracteriza a relação do sujeito com a realidade.

O que são estes objetos? Uma caricatura de patologização da vida cotidiana poderia nos fazer pensar

em um uso fetichizado dos mesmos, no sentido de expressarem uma negação da experiência de perda e separação; por outro lado, podemos considerar que aí há um cordão que liga - e indica a distância entre - eu e outro, passado e futuro, interno e externo, prazer e realidade: presença e ausência. Este é o trabalho essencial de simbolização. Como todo bom objeto transicional, o seu destino é uma gaveta ou uma estante empoeirada, ou até o lixo; não há propriamente aqui o que se entende por trabalho de luto. Quando vestidos, eles são mais importantes do que a própria mãe; mas "seu destino é ser gradativamente desinvestido, de maneira que ao longo dos anos ele não é tanto esquecido, mas relegado ao limbo."<sup>54</sup> Não sofrem recalçamento, não "vão para dentro": perdem o sentido e se tornam difusos, pois se espalham pelo território intermediário e compõem o campo da cultura. A categoria de objeto transicional propicia verdadeiramente uma nova luz sobre a natureza da vida infantil e, por decorrência, de toda a vida humana. Winnicott cria, de fato, um novo objeto para a psicanálise.

Podemos figurar uma fábula em que Freud contempla seu neto Winnicott brincando com o carre-

tel, e intui que algo verdadeiramente importante se apresentava naquela experiência. Seria o *fort-da* uma espécie de sonho premonitório de Freud? Fica a sugestão para outros contadores de histórias.

## NOTAS

1. D. Winnicott, "Transitional objects and transitional phenomena", in: *The International Journal of Psycho-Analysis*, 34 (2):89-97, 1953, p. 92 (nota n° 8).
2. Expressão pela qual ele se refere a si mesmo como estando na origem desta tendência obstinada, em carta à M. Klein de 1952 (*O gesto espontâneo*, São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1990, p. 30-31).
3. Op. cit., p. 31. Esta carta ganha em importância ao observarmos que ela é relativamente contemporânea ao artigo dos objetos transicionais.
4. "É claro que é necessário para você ter um grupo no qual possa se sentir em casa. Todo trabalhador original precisa de um círculo seleto, onde possa estar ao abrigo das controvérsias e no qual possa se sentir à vontade" (Op. cit., p. 31).
5. "Desenvolvimento emocional primitivo" (1945), in *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*, Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, p. 269.
6. *O gesto espontâneo*, op.cit., p. 21-2.
7. Op. cit., p. 111.
8. D. Winnicott, "Transitional objects...", op.cit., p. 96.
9. Op. cit., p. 92.
10. *O Brincar e a realidade*, Rio de Janeiro, Ed. Imago, 1975, p. 36.
11. Wulff, "Fetishism and object choice in early childhood", in *Psychoanal. Quart.*, 15:450-71, 1946, p. 468.
12. "Transitional objects...", op.cit., p. 89.
13. Pós-escrito do trabalho de Friedjung, citado por Wulff, op. cit., p. 452.
14. Como é habitual na obra de Freud, também neste ponto observamos a antecipação de um problema que irá surgir ulteriormente: o questionamento da função sintetizadora do Eu. Logo após apresentar a segunda tópica, Freud retoma o conflito do Eu diante dos seus diversos "senhores" e já admite que "o Eu poderá evitar um desenlace prejudicial em qualquer sentido (servir uma instância e romper com outra) deformando-se espontaneamente, tolerando fraturas na sua unidade ou até dissociando-se em alguns casos". ("Neurosis y psicosis" - 1923, in *Obras Completas*, Madrid, Ed. Biblioteca Nueva, 1981, vol. III, p. 2744).
15. S. Freud, "Revision de la teoria de los sueños", Conferência XXIX das "Nuevas lecciones introductorias al psicoanálisis" (1932), in: *Obras Completas*, op. cit., vol. III, p. 3114-5. Trabalhei este e outros aspectos do conceito de regressão no artigo "Psicosomática, regressão e psicanálise: nas bordas do sonhar", Revista *Percursos*, nº 16, 1996, p. 69-80.
16. S. Ferenczi, "La confusión de lenguajes entre los adultos y el niño" (1933), in *Problemas y métodos del psicoanálisis*, Buenos Aires, Ed. Homéc/Paidós, 1966, p. 139-49.
17. S. Freud, "Encision del 'Yo'...", op.cit., p. 3375.
18. "Fetichismo" (1927), in *Obras Completas*, op.cit., vol. III, p. 2994.
19. "Encision del 'Yo'...", op.cit., p. 3775.
20. "Sonhar, fantasiar e viver: uma história clínica que descreve uma dissociação primária", in *O Brincar e a realidade*, op.cit., p. 45-6.
21. "A mente e sua relação com o psico-soma" (1949), in *Textos selecionados...*, op.cit., p. 409-25 (cf. nota nº 2).
22. "Sonhar, fantasiar e viver...", op.cit., p. 36.
23. "Desenvolvimento emocional primitivo", op.cit., p. 285 (nota nº 3).
24. *O Brincar e a realidade*, op.cit., p. 30.
25. Encontramos ainda uma retomada da dissociação por Winnicott, em plena maturidade, em termos de uma exclusão completa por parte do homem (ou da mulher) do aspecto da personalidade do sexo oposto, conduzindo ao estudo dos "elementos masculinos puros" e "elementos femininos puros". Não há espaço aqui para comentar esta importante contribuição.
26. Os aspectos da realidade humana que buscam ser compreendidos por uma "clínica da dissociação" se encontram brilhantemente retratados, como em geral ocorre, na literatura de ficção. Este é o caso dos clássicos *O médico e o monstro: Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, de Robert L. Stevenson, *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde, e o intrigante "O colecionador", de John Fowles; nas três obras, a leitura nos conduz a uma vivência de horror e espanto ao acompanhar a eclosão, a evolução e as consequências sombrias de um tipo específico de loucura marcada pela dissociação.
27. É importante ressaltar que o problema da dissociação concerne tanto ao paciente em análise quanto ao seu analista, o que nos coloca diante da tarefa essencial de retrabalhar a metapsicologia do funcionamento do analista e a questão da contra-transferência sob novas bases.
28. "Neurosis y psicosis" (1923) e "La pérdida de la realidad en la neurosis y en la psicosis" (1924), in *Obras completas*, op.cit., vol. III, p. 2742-7.
29. "Compendio del psicoanálisis" (1938), in *Obras Completas*, op.cit., p. 3415.
30. Seria interessante aqui retomar o termo dissociação conforme aparece nos primeiros trabalhos de Freud que, ao teorizar a partir dos primeiros casos de histeria, logo rejeitou-o para erigir uma teoria do recalçamento e das formações do inconsciente.
31. J. McDougall, *Teatros do Eu*, Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1992, p. 19.
32. *O brincar e a realidade*, op.cit., p. 36.
33. Freud, "Mas allá del principio del placer" (1920), in *Obras completas*, op.cit., vol. III, p. 2511.
34. "Transitional objects...", op.cit., p. 91.

**B**rincando com o carretel, sob o olhar atento de Freud, Winnicott percebe aí algo muito importante. Seria o *fort-da* uma espécie de sonho premonitório de Freud?